

# POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250



2ª ED.

**ATEMPA**



**CPHIS**

Coletivo das Professoras e  
Professores de História da  
Rede Municipal de Ensino  
de Porto Alegre

# POANCESTRAL

## MUITO ALÉM DE 250

ORGANIZADORES:

Marco Mello

Roselena Colombo

Claudia Aristimunha

Melina Perussatto

Inês Vicentini

Coletivo de Professoras e Professores de História  
da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS)

Associação de Trabalhadores em Educação do  
Município de Porto Alegre (ATEMPA)

2ª ed.  
PORTO ALEGRE, RS  
2023



*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

P739 PoAncestral: muito além de 250 / organização de Marco Mello, Roselena Colombo, Claudia Aristimunha ... [et al.] 2ª ed. - Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2023.  
163 p. : il.

ISBN: 978-65-996311-3-9

1. Porto Alegre (RS). 2. Ancestralidade. 3. Memória social. 5. Comunidade quilombola. 6. Povos indígenas. 7. Ensino de história. I. Mello, Marco. II. Colombo, Roselena. III. Aristimunha, Claudia. IV. Perussatto, Melina. V. Vicentini, Inês. II. Título.

CDU – 981.651  
930(816.51)

Elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais



## POANCESTRAL - ORIGEM, CONCEPÇÃO E HORIZONTE

**Claudia Aristimunha, Inês Vicentini, Marco Mello, Melina Perussatto, Roselena Colombo**

(Organizadores)

Como nascem as coisas que não existem? De onde vem o que antes não era o que hoje é? Onde se localiza a energia indispensável à vida, que ativa a criação libertária e faz o moinho da Utopia girar? O que é gerador de algo novo senão a negação do existente? Do que é insuficiente? Daquilo que brota da angústia-inquietação diante do que falta? Da indignação com o *povo da mercadoria* que causa, de forma intencional e perversa, a dor-sentida-da-negação-e-da-invisibilidade?

São das contradições, expostas *no osso*, que se revela os podres poderes e seus desejos insaciáveis de barbárie, a repetir mentiras para enganar os ingênuos e manter privilégios e status para si, para sua prole, para os senhores da casa-grande - barões do agronegócio, da especulação imobiliária, dos bancos, da grande mídia burguesa, das grandes redes comerciais - vendilhões nos templos das ilusões.

Em meio a esse caos, uma de nós teve a ideia inicial sobre o Projeto. Ali já havia o que há no ato de criar - passado/presente/futuro sob a irradiação de energias que expressam o acúmulo de ações e sonhos coletivos. Outras, outros se aproximam, conspiram e, com um vigoroso passo à frente, pela esquerda, em alto e bom som, bradam: *Não! Não em nosso nome!* Algo diferente acontece.

### SOB A FOGUEIRA

Um sopro poderoso e insurgente vindo de muito longe, como uma baforada em um velho cachimbo mbya-guarani, *petyngua*, feito de um galho de guajuvira, atíça a brasa que fez reacender a grande fogueira ancestral.

Nessa fogueira, em uma clareira na mata, sob paus de angico e cabreúva, apresenta-se um grupo de caboclos altivos, e com eles o senhor das encruzilhadas, a abrir os caminhos.

Chegam guerreiras e guerreiros, paramentados, de várias gerações, com suas lanças e cantos primordiais. Logo atrás, o povo da mata, encantados, quilombolas fugidios, sem terras e sem tetos, em marcha com suas bandeiras suspensas em grandes taquaras, operários que outrora foram lideranças insurgentes nos primeiros tempos de resistências fabris. São sequenciados por militantes da esquerda de vários matizes e estudantes, perseguidos e torturados por tristes ditaduras nesse país de tradição autoritária. No entorno dessas fogueiras muitos vieram sentar sob os troncos velhos, a matutar entre um mate e outro, que passa de mão em mão, e a reviver sonhos e projetos de liberdade, na larga passada de tempos imemoráveis. Renasce uma insurgente PoAncestral! Alguém pergunta, se acercando com curiosidade, ainda ignorando o que não pode ser esquecido:

### O QUE É MESMO O POANCESTRAL?

Um coro de vozes entrelaçadas se faz ouvir, quase ao mesmo tempo.

PoAncestral é o abraço acolhedor - belamente registrado pelo olhar sensível de Alass Derivas - das mulheres indígena e quilombola na luta pela Retomada para assegurar o direito à Casa de Estudantes Indígenas na UFRGS.

PoAncestral é dona Iracema Gãh Té Nascimento fazendo o pão e mostrando o livro de ensinamentos em línguas Kaingang e Guarani; é Angélica Nínhpryg Domingues e Luana Kaingang nos explicando o quanto os modos de ser e viver indígenas necessitam ser respeitados. PoAncestral é o Cacique José Cirilo, da Aldeia Anhenteguá, na Lomba do Pinheiro, a falar em como seu povo precisa acompanhar o curso dos rios, caminhando com as águas. É Jacimara Machado Heckler, à frente da EEIEM

Anhentuá a denunciar a truculência da destruição de sítios arqueológicos indígenas. É o professor e cineasta João Maurício explicando como os assentamentos indígenas têm garantido a existência - ainda - de matas na região metropolitana de Porto Alegre e o que os nomes dos rios do estuário do lago Guaíba nos dizem sobre a milenar ocupação ameríndia.

PoAncestral é a professora Perla Santos com seus materiais pedagógicos afrocentrados exaltando a autoestima negra; é o babalorixá Baba Diba de Yemonja denunciando o racismo religioso e afirmando o *terreiro* como lugar de solidariedade e pertencimento; é Lara Bittencourt, a cartografar e anunciar o incrível trabalho coletivo que gerou o Atlas Quilombola de Porto Alegre. É Allan Alves Britto nos encantando com seu texto poético a nos explicar o significado profundo da Ancestralidade.

PoAncestral é Nikaya Vidor *transformando* nossas mentes héteros e cisnormativas; É Nega Lu, que ganha as páginas e a vida sob a homenagem que lhes prestam Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz. É Nanashara Sanches, Bárbara Rodrigues, Júlia Foschiera e as bravas guerreiras da Ocupação Mirabal, agora Casa de Referência Mulheres Mirabal, afirmando a luta contra a violência às mulheres.

PoAncestral é Geneci Flores, do Quilombo Flores, trazendo sua voz potente e rimada para dizer que a luta todo dia é pelo direito de existir; PoAncestral é Onir Araújo, da Frente Quilombola no RS, nos falando do quanto a cidade capitalista - assentada em séculos de trabalho dos/das escravizados/das e no racismo - é cidade-túmulo.

PoAncestral é também aquela na qual intelectuais com um largo lastro de militância na esquerda se reencontram com suas origens, com seu povo, em uma comunidade de destino a partilhar o que de melhor temos. Ali estão como sábios/as pesquisadores-ativistas Sílvio Jardim, Magali Menezes, Rualdo Menegat, Jacqueline Custódio, Caroline Pacievitch, Camila Silva - paciência temperada com a justa ira, a dizer aos mais novos, às mais novas: aqui há um caminho, mas precisamos desbravar juntas/os. Ela está presente no texto de Rafael Guimaraens, instigando a que Porto Alegre reencontre a sua alma, não nos empreendimentos imobiliários, mas onde a vida real acontece: na Restinga, na Lomba, na Bonja, no Rubem Berta, nas ações dos poetas, seresteiros, namorados, nos artistas, nas lutas dos inconformados, na bancada negra,

nas livrarias, nas editoras, nos que nadam contra a maré. PoAncestral é Liliane Ferrari Giordani e Aline Lemos da Cunha Della Libera, reafirmando como educadoras e gestoras a defesa incondicional da justiça de gênero e a necessidade de um sistema educacional que acolha todos/todas/todes em suas diferenças.

PoAncestral é aquela que olha, escuta, investiga, pensa, denuncia, sistematiza e socializa conhecimentos em uma rede colaborativa que tem na Universidade Pública seu esteio. PoAncestral está no Observatório das Metrôpoles que nos dá o privilégio de ter as análises críticas de Paulo Roberto Rodrigues Soares, Mario Leal Lahorgue, Betânia de Moraes Alfonsin, Henrique Dorneles de Castro, Luciano Fedozzi, Judite Sanson de Bem, Moisés Waismann, Heleniza Ávila Campos, André Coutinho Augustin e Vanessa Marx.

PoAncestral - porque assentada em memórias que não podem ser esquecidas - é aquela que lembra os longos e penosos anos de arbítrio recentes sob os quais nosso país passou: a ditadura civil-militar (1964-1985). Ali estão a trazer suas lentes de análise sobre Porto Alegre: Anita Carneiro, Raul Ellwanger, Adriana Ávila Bleggi, Marcus Vianna, Amanda Gabriela Rocha Oliveira, Gabriel Ribeiro da Silva, Greice Adriana Neves Macedo e Tairane Ribeiro da Silva.

PoAncestral é aquela que combina tradição e mudança, como fazem Andressa Silveira, Jonas Silveira da Silva e Melina Kleinert Perussatto, que nos provocam a que nos interroguemos sobre a branquitude no ensino de história. Inquietações que se traduzem em propostas como a construção de uma plataforma de conteúdo destinado ao apoio à prática docente através do projeto de extensão universitária junto à UFRGS, como apontam Claudia Aristimunha e Melina Perussatto. Inquietações que levam Ana Celina Figueira e suas parceiras de texto a questionarem sobre a articulação estendida da universidade às necessidades das comunidades.

PoAncestral é polifônica e decolonial. Zita Possamai nos convida a pensar o quanto as memórias visuais podem ser potentes na reconstrução de narrativas sobre o passado, no cruzamento entre territórios e grupos periféricos através de imagens fotográficas. Anália Martins e Marco Mello trazem o 'Boca de Rua' como expressão, voz e força da população em situação de rua na cidade excludente. É Anderson Ferreira, do Movimento Nacional da População de Rua - RS, que nos fala da ausência e da necessidade de políticas públicas de educação e geração de renda construídas

junto com os moradores de rua. É a Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação (ALICE) a afirmar a importância vital de projetos de comunicação popular autogestionáveis como instrumentos de transformação, como o jornal Boca de Rua, apoiado pela organização desde seu nascedouro.

PoAncestral tem a cara de Lúcia Brito Pereira, nossa Oya querida, mensageira que vem de longe, a evocar a luta de resistência das religiões de matriz africana e da educação antirracista; de André Pares, comunicador das encruzilhadas-jornalista-filósofo por excelência; de Eli Fidélis (Kaingang), agora do outro lado da mata grande, reverenciado com justiça e sensibilidade por Rosa Maris Rosado, Rodrigo Ciconet Dornelles e Luana Emil. É Kunã Yporã (Raquel Tremembé) que, desde o Maranhão reencontrou os *parentes* como o mbyá-guarani Diego Benites (Karai Popygua) e Luana Kaingang.

PoAncestral é aquela que se liga à *Pachamama* em múltiplas linguagens, sob a batida poderosa do tambor do Sopapo. Lá está Richard Serraria - o poeta da cidade (na escrita de Marco Mello, André Pares e Rodrigo Souza dos Santos) - abrindo o cortejo, junto com Maia Mena Barreto e Rose Colombo, a recuperarem grafias de ontem para tecer o amanhã. Também estão à escutá-la e pesquisá-la em suas peles e camadas, as arqueólogas-historiadoras Mariana Neumann e Melina Kleinert Perussatto, assim como Carolina Gerlach Llanes, Roberto Venturela Verna, Vanessa Fagundes Rodrigues, Afonso Cavagnoli. Já Inês Vicentini nos fala do desejo latente de se rebelar ao calendário oficial da cidade, expresso no vídeo de pré-lançamento do PoAncestral em dezembro/21. Lá estão, entre nós, Ana Celina Figueira, Carla Marlize Silva, Jussara Martins, Maria José da Silva, Paulo Klein, Perla Santos anunciando o ano novo rebelde, muito além de 250. Rebelia que reverbera nos 'Cantos do Sul da Terra', latino-americana, de nosso amigo Demétrio Xavier.

## UMA OUTRA CIDADE POSSÍVEL

Uma outra cidade possível, na qual caibam todos os mundos, nasce do reconhecimento e valorização de nossas raízes ancestrais e insurgentes!

PoAncestral insurgente e potencialmente subversiva à ordem vigente é aquela construída cotidianamente pelas gentes indígenas, negras, quilombolas e periféricas, que trabalham nos canteiros de obras, na limpeza, na saúde, nas escolas, nas feiras, no transporte público na cidade.

Gentes às centenas de milhares, que tem nomes, sobrenomes, memórias, cicatrizes, desejos, direitos, que não cabem em uma caixinha dos 250 anos de uma cidade que, sob uma coalizão declaradamente privatista e elitista, vira às costas aos interesses e necessidades da população trabalhadora.

## AGRADECIMENTOS NECESSÁRIOS

Sem a organização coletiva pouco ou quase nada seria possível realizar. O CPHIS (Coletivo de Professoras e Professores de História da RME) e a ATEMPA (Associação dos Trabalhadores em Educação do Município/PoA) deram o suporte e caminharam juntas na construção do PoAncestral, desde os primeiros passos. Em especial queremos agradecer o empenho generoso das trabalhadoras da ATEMPA Elizandra Consolata Dias e Caline Gambin. As parcerias e o apoio recebido ao longo da jornada ampliaram o alcance e fortaleceram a iniciativa. Nossa gratidão pela parceria institucional, adesão e participação de servidoras e servidores (técnicas e docentes) e estudantes de diferentes unidades, órgãos e núcleos da UFRGS: Laboratório de Ensino de História e Educação da Faculdade de Educação (LHISTE/FACED), Faculdade de Educação (FACED), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Instituto de Geociências (IGEO), Instituto de Física (IF), Instituto de Letras (IL), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Museu da UFRGS, Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI), Observatório Astronômico e Observatório das Metrôpoles (Núcleo Porto Alegre). Júlia Ramos de Carvalho, como webdesigner, fez um trabalho de maestria no projeto gráfico, criação da capa e diagramação, que valorizou ainda mais a sistematização por nós realizada. André Araújo como revisor, em tempo exíguo, também integrou a grande família do PoAncestral, assim como a equipe da Biblioteca Central da UFRGS, que colaborou na confecção da ficha catalográfica.

## A FAGULHA NASCE DENTRO DA GENTE

A cada dia, com o despontar à leste do astro que é fonte de luz e calor, ainda insones e bebericando xícaras de café, estão educadoras/es a recomençar a vida no que ela tem de mais generosa: a possibilidade de refazer-se, de encantar-se com o que brota da consciência, que constrói o desejo de *ser mais*, como nos ensina Paulo Freire. Algumas delas/deles, tomados de uma energia admirável, nas escolas, nos laboratórios e bancos das universidades, nos movimentos sociais e

populares, nas ocupações, nas retomadas dos territórios tradicionais, nas manifestações de rua, na solidariedade a outros movimentos, cochicham, tecem e armam novos mundos.

A *todes* esses educadores e educadoras, sobretudo das redes públicas, dedicamos esta publicação, construída à muitas mãos e trançada com o elemento que melhor representa a cultura de nossa classe: a solidariedade! Solidariedade que reparte os saberes, a projetar mundos libertos da dominação e da cobiça egóica, que apequenam o ser humano.

Que esta obra possa inspirar muitas aulas e projetos educativos, quiçá uma outra

cidade possível, na qual o efetivo diálogo de saberes e o compromisso com a justiça social, ambiental e curricular estejam no centro de nossos fazeres. Ali, tenha certeza, ressurgirá uma fogueira ancestral. A fagulha original disparadora é aquela que nasce dentro da gente e nos projeta, como no vórtice que simboliza o PoAncestral, a dizermos nossa palavra e darmos um passo à frente, pela esquerda.

Soprará um vento forte e renascerá o PoAncestral! E ali estaremos, com a *nossa gente*, com a *nossa classe*, contigo.